

## Desenvolvimento profissional do professor em comunidade virtual: uma pesquisa etnográfica online

### Comunicação

*Lucila Prestes de Souza Pires de Andrade<sup>1</sup>*  
*Universidade Federal da Paraíba (UFPB)*  
*lucila.prestes@gmail.com*

*Cristiane Maria Galdino de Almeida<sup>2</sup>*  
*Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)*  
*cmgabr@gmail.com*

**Resumo:** Este recorte de pesquisa doutoral em andamento concentra-se na apresentação da pesquisa etnográfica online como alternativa metodológica para a compreensão do desenvolvimento profissional do professor de música da educação básica em uma comunidade virtual que interage via aplicativo Whatsapp. O objetivo desta comunicação é apresentar as escolhas metodológicas bem como descrever os procedimentos de coleta de dados. Para isso, são apresentadas algumas questões relacionadas à natureza da pesquisa etnográfica online e descritas as formas de coleta de dados a partir de terminologias utilizadas nas pesquisas na internet (KOZINETS, 2014): dados arquivais, dados extraídos e notas de campo do pesquisador. Os procedimentos para a coleta dos dados foram o arquivamento das mensagens escritas, mensagens de voz, mídias e *links* do grupo estudado, além de grupo focal online, conversas individuais com alguns participantes e diários de campo. Procuramos descrever a forma como trabalhamos com a produção e organização dos dados em nosso contexto de pesquisa, concluindo com reflexões sobre as oportunidades de aprendizagem que este tipo de pesquisa proporciona ao pesquisador e aos participantes, e lembrando do potencial das pesquisas etnográficas online para a compreensão das relações entre ser humano e música em tempos de mobilidade.

**Palavras-chave:** pesquisa etnográfica online, desenvolvimento profissional do professor, WhatsApp

Compreender de que forma a participação em uma comunidade virtual pode proporcionar experiências de formação que contribuam para o desenvolvimento profissional do professor de música da educação básica é o objetivo da pesquisa de doutorado da qual esta comunicação apresenta um recorte. A motivação da pesquisa parte da experiência como

---

<sup>1</sup> Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba – FAPESQ-PB.

<sup>2</sup> Professora credenciada no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

participante em uma comunidade virtual no aplicativo WhatsApp formada por professores de música que atuam na Educação Básica. Tanto a impressão pessoal como os comentários de outros professores participantes sobre a importância do grupo em suas atividades docentes e no compartilhamento de sentimentos, ideias e materiais despertaram o desejo de entender de forma mais aprofundada essa experiência e sua influência no desenvolvimento profissional desses professores.

Entendemos o desenvolvimento profissional como um trajeto único e pessoal, articulado às experiências de vida. Para compreender a formação nessa perspectiva, procuramos estruturar a pesquisa em um paradigma qualitativo, procurando descrever o contexto bem como o fenômeno investigado a partir de um olhar interpretativo (CRESWELL, 2007).

Para contextualizar as práticas de interação em comunidade virtual de professores de música, utilizamos a pesquisa etnográfica online, adaptada das práticas etnográficas tradicionais, para a compreensão de comunidades que interagem utilizando a internet. Os termos utilizados para os procedimentos de coleta são baseados nas terminologias de pesquisa para internet propostas por Kozinets (2014). Neste contexto, a coleta de dados tem como fonte principal os dados arquivais originados das conversas e materiais compartilhados entre os membros do grupo que tem como ambiente de interação o aplicativo WhatsApp. A partir da teoria das Comunidades de Prática<sup>3</sup> (WENGER, 1998), compreendemos estes materiais como práticas de interação, de forma que eles são analisados a partir de sua importância enquanto participação que se dá através da constante atribuição de significados em um processo de aprendizagem.

A comunidade investigada constitui um grupo de WhatsApp formado por iniciativa dos próprios professores e chamado Musicalização Brasil. O grupo, que existe desde janeiro de 2020 e possui por volta de 245 participantes de todas as regiões do país, se formou a partir do convite dos professores a outros colegas disponibilizando o link de acesso para participação.

---

<sup>3</sup> A teoria das Comunidades de Prática constituem o referencial teórico de nossa pesquisa. Em uma comunicação no XXXIII Congresso da ANPPOM (2023) apresentamos os principais conceitos e uma revisão sobre o tema.

Para investigar quais as percepções de professores de música a respeito de suas experiências de desenvolvimento profissional em comunidade online, acrescentamos à investigação outras técnicas de coleta de dados, a partir de dados extraídos de conversas particulares com membros da comunidade e do grupo focal online, as quais tornam possível buscar estabelecer relações da participação no grupo com experiências de desenvolvimento que são produzidas de forma diferente e particular por cada professor.

O percurso metodológico da pesquisa é apresentado nas seções a seguir, com o objetivo de descrever este processo que tem especificidades pouco encontradas na literatura da área de pesquisa em educação musical. Nesta comunicação, nosso objetivo é apresentar as escolhas metodológicas bem como descrever os procedimentos de coleta de dados. Como a pesquisa está em andamento, temos poucas observações quanto à efetividade das técnicas empregadas, mas pretendemos retomar esta temática em publicações futuras e com a tese concluída.

### **Pesquisa Etnográfica Online: a escolha do termo**

No contexto das pesquisas qualitativas na internet, pode-se perceber uma mudança de postura por parte dos pesquisadores desde os primeiros anos das pesquisas, na década de 1990, em relação ao que se apresenta atualmente. Se os primeiros estudos destacavam o que se supunha ser próprio do universo online, onde se apresentava a possibilidade de um “eu virtual” desvinculado do “eu real”, a partir da popularização dos dispositivos móveis de comunicação, os smartphones, a internet passa para a palma da mão, e torna-se difícil estabelecer limites entre o presencial e o virtual.

Ao considerar as culturas e comunidades online como um ambiente profícuo de pesquisa, a antropologia, bem como outras áreas nas quais a etnografia para internet é amplamente utilizada, passou a preocupar-se com as generalidades e especificidades deste tipo de pesquisa. Diferentes termos, tais como etnografia virtual, etnografia na internet e netnografia, passaram a definir, conceitualizar e estabelecer critérios para a prática de pesquisas do tipo etnográfico na internet.

As publicações utilizadas sobre a pesquisa etnográfica na internet apresentam nomes distintos embora com concepções metodológicas bastante similares. O pesquisador de mídias

sociais Robert Kozinets (2014) defende o uso do termo netnografia, um neologismo derivado dos termos net e etnografia, para representar as pesquisas etnográficas online. Contudo, o autor evidencia que a ampla utilização deste termo acontece, principalmente, nas pesquisas de consumo e marketing, área em que ele atua e pesquisa. Em outras áreas de pesquisa, não parece ainda haver um consenso quanto à utilização dos termos e suas distinções.

A substituição do termo “etnografia virtual” por “etnografia da internet” realizada pela socióloga Christine Hine (2016) ao longo de sua obra, reforça a diversidade de terminologias. A autora justifica a mudança apontando que uma vez que a popularização da internet, cujo acesso passou a ser cotidiano e frequente para grande parte da população do planeta, tornou cada vez mais difícil estabelecer distinção entre o real e o virtual. As posturas de Kozinets (2014) e Hine (2016) justificam-se a partir de diferentes entendimentos sobre onde se situa a pesquisa etnográfica online em relação às etnografias tradicionais. Esta é uma discussão recorrente na literatura que trata das metodologias para pesquisa na internet (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

Com base nas argumentações de diversos autores (HINE, 2016; FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011; KOZINETS, 2014; CAMPANELLA, 2015) sobre a natureza da pesquisa etnográfica online ou da internet, o termo que escolhemos utilizar é pesquisa etnográfica online e justifica-se por considerar a natureza etnográfica desta pesquisa, sem, contudo, deixar de destacar suas especificidades uma vez que tanto a comunidade a ser descrita quanto as formas de coleta de dados serão exclusivamente online.

Os procedimentos de coleta de dados, realizados totalmente online, via aplicativo Whatsapp, foram escolhidos pois estão de acordo com o perfil dos participantes: professores de educação básica, que configuram população adulta, formada por homens e mulheres de diferentes idades, alfabetizados e, com grau de escolaridade em nível superior, com acesso e domínio da internet através de dispositivos de comunicação móvel.

## Procedimentos de coleta de dados

Os dados coletados na pesquisa etnográfica online têm origem em três fontes principais, empregando-se aqui os termos propostos por Kozinets (2014): (1) dados arquivais: são aqueles que o pesquisador copia diretamente das comunicações preexistentes. Eles foram



gerados independentemente da pesquisa e encontram-se acessíveis embora tenham sido produzidos no passado. No sentido nominal da produção, seriam os dados produzidos por “eles”, outros integrantes da comunidade, e sem nenhum tipo de participação do pesquisador; (2) dados extraídos: criados pelo pesquisador juntamente com os membros através de interações – bate-papos, entrevistas, postagens e respostas. São produzidos por “nós”, o resultado da interação entre membros da comunidade e pesquisador; (3) dados de notas de campo: registro das observações, da própria participação do pesquisador e do senso de pertencimento. São dados reflexivos, produzidos pelo “eu”, o pesquisador em seus registros pessoais e que também serão muito importantes para a análise.

O quadro abaixo apresenta as fontes de dados, como propostos por Kozinets (2014), relacionados aos materiais coletados:

**Quadro 1:** Dados arquivais, dados extraídos e notas de campo da pesquisa

Dados Arquivais	Dados Extraídos	Dados de Notas de Campo
Mensagens de texto	Grupo Focal Online	Diário Online 1: Escrevendo uma tese;
Mensagens de áudio	Mensagens individuais	Diário Online 2: Análise de Dados
Figurinhas e GIFs		
Imagens e vídeos compartilhados		
Documentos em PDF		
Links para redes sociais, sites e drives		

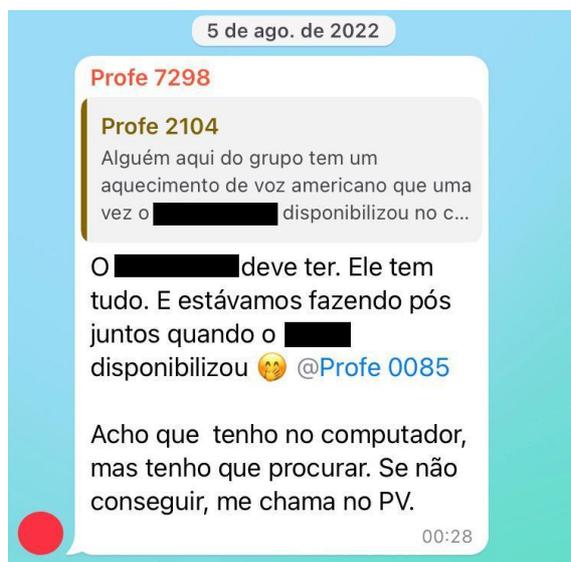
Fonte: dados da análise realizada pelas autoras.

A divisão das fontes de dados proposta por Kozinets tem como foco a autoria de produção desses dados. A etnografia online, ao procurar compreender um grupo e sua cultura, pode valer-se de uma série de materiais diferentes, como descritos no quadro anterior. Se os materiais são produzidos em um mesmo formato, a intenção da produção é o que os diferencia e, por isso, Kozinets (2014) escolhe categorizá-los dessa forma.



Nas diferentes formas de coleta de dados descritas a seguir, utilizamos para análise os arquivos em formato de texto que são gerados pelo próprio aplicativo como *backup* das conversas, bem como *prints* de tela dos trechos de interação que são apresentados no texto da tese. A opção por este formato justificou-se pela importância dos elementos de imagem (figurinhas, emojis e outras imagens) na compreensão dos diálogos e dos contextos. Para isso, foram necessários alguns cuidados, de forma que o material dos *prints* não expusesse informações sigilosas dos participantes. Para isso, utilizamos como alternativa salvar o contato dos mesmos no aparelho celular a partir de um codinome. O celular dava a opção de acrescentar outras identificações ao salvar o contato, e utilizamos a opção pronúncia do nome - que fica salvo nas informações do contato mas não aparece no Whatsapp - para acrescentar o nome do participante, conforme ele se definiu no aplicativo. Dessa forma, foi possível incluir no trabalho *prints* de tela diretamente das interações no aplicativo já com o codinome dos participantes, preservando assim a divulgação de suas informações pessoais.

**Figura 1:** exemplo de print de tela com sigilo dos dados



Fonte: dados extraídos do grupo Musicalização Brasil

Ao salvar nos contatos o codinome dos participantes, quando um dos membros fazia menção a alguém do grupo via contato (utilizando o sinal @ e o nome ou número de telefone), o próprio aplicativo substituíva o nome mencionado pelo codinome salvo no aparelho, mantendo assim o sigilo. Utilizamos um taxado em negrito para manter o sigilo (Figura 1) dos

nomes de participantes, nome da escola ou cidade em que trabalham e endereços de acesso a links pessoais, como páginas em redes sociais e drives para acesso de arquivos.

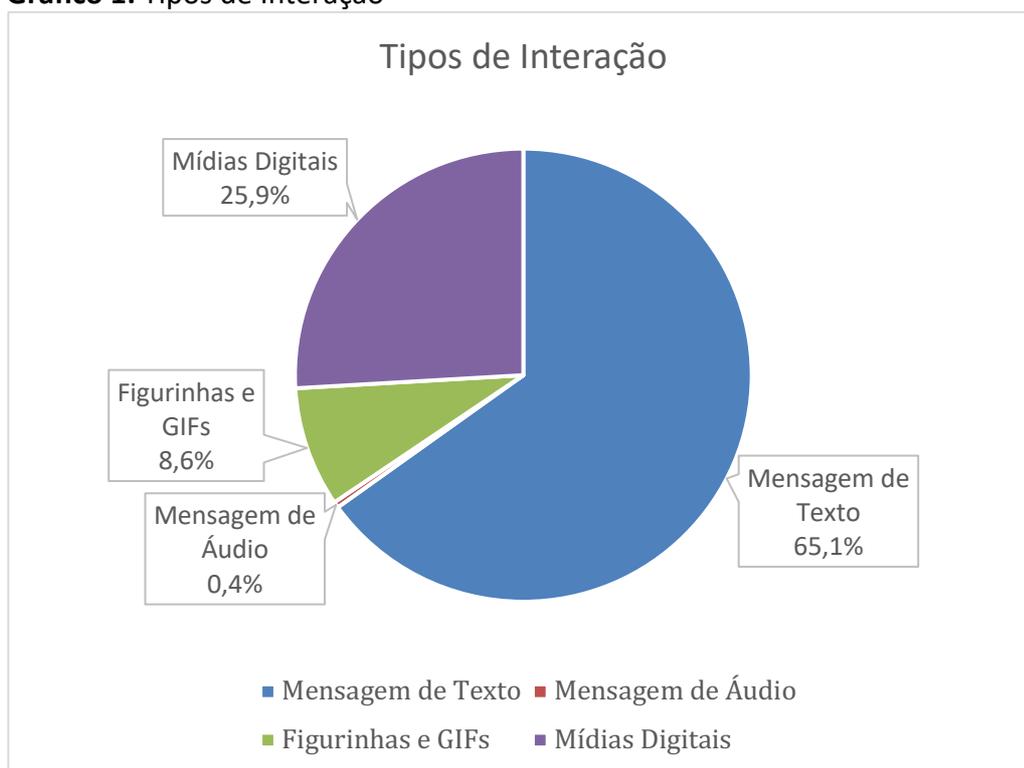
### Dados Arquivais

Kozinets (2014, p. 111) sugere seguir com a extração dos dados arquivais, se houver tempo hábil, enquanto as interações estiverem “gerando novos entendimentos sobre áreas tópicas teoricamente importantes”. Nesse sentido, grande parte das interações dos professores do grupo, principalmente no que se refere ao compartilhamento de materiais, está relacionada às demandas do calendário acadêmico: a divisão do ano letivo em quatro bimestres; períodos de férias e recesso nos meses de janeiro e julho; datas comemorativas que são trabalhadas ao longo do ano e que diretamente interferem na prática pedagógica dos professores. Dessa forma, ao contemplar doze meses, pudemos ter no material coletado uma amostra representativa das interações do grupo nas diferentes fases do ano letivo.

Ao todo foram extraídas seis mil quinhentas e oitenta e cinco interações, que incluem mensagens de texto, de áudio e figurinhas, bem como materiais de diversos formatos disponibilizados pelos participantes no grupo em diferentes mídias. Procuramos classificar estes materiais a partir de seu formato e não de seu conteúdo. Para dimensionar e comparar as práticas da comunidade, unimos os diferentes tipos de arquivos como mídias digitais.

As mensagens de texto foram a maior parte das interações no grupo Musicalização Brasil, totalizando quatro mil duzentas e oitenta e seis postagens no material do grupo analisado. Elas funcionam como a voz de cada professor expressa em forma de texto. A linguagem utilizada é composta por uma mistura da linguagem escrita com a linguagem falada, o que constitui uma linguagem própria à internet. O “internetês” não é um novo sistema linguístico, mas “apropria-se das regras das línguas, adequando-as à nova realidade que se apresentou: a realidade virtual” (ALMEIDA FILHO, 2018, p. 92). Assim, o internetês se constrói na premissa de uma comunicação escrita que necessita acompanhar a agilidade da comunicação virtual.

**Gráfico 1:** Tipos de Interação



Fonte: dados da análise realizada pelas autoras.

Outro recurso presente nas interações e utilizado com grande frequência em Musicalização Brasil são as figurinhas, também conhecidas no aplicativo como *stickers*.

**Figura 2:** exemplos de figurinhas utilizadas pelos participantes



Fonte: grupo Musicalização Brasil

Como um gênero intertextual, que pode integrar imagens, texto e movimento, este recurso é capaz de resumir em uma pequena imagem o que de outra forma necessitaria de um grande número de palavras. Em uma vantajosa economia de tempo e espaço, “as

figurinhas permitem estabelecer diálogo sobre qualquer assunto, expressar diferentes sentimentos, fazer comentários diversos, mostrar posicionamento sobre algo” (CARMELINO; KOGAWA, 2020, p. 173).

As figurinhas compõem um repertório próprio que cada participante pode salvar em seu celular para utilizar na conversa que desejar, com o sentido que quiser atribuir. O seu uso implica o conhecimento de certos aspectos da cultura, como pessoas famosas, personagens do cinema e da TV. As figurinhas também podem ser de natureza textual, como no exemplo à direita da imagem. Podem ser utilizados jargões, ditados e outras frases. “Professor que ajuda professor nem é gente, é anjo” é bastante significativo nas interações em Musicalização Brasil. Dentro do material analisado, esta figurinha é utilizada várias vezes para reforçar o comprometimento entre os participantes de ajuda mútua e em um sentimento de gratidão pela contribuição dos colegas.

As mensagens de áudio entre os participantes representaram a forma menos popular de interação no grupo. Das 28 mensagens de áudio contidas no material analisado, oito eram gravações aparentemente feitas por engano, que não continham nenhuma mensagem, apenas algum eventual ruído do ambiente. As outras 20 mensagens foram utilizadas por alguns participantes sempre no sentido de comentar alguma experiência pessoal dentro do assunto que estava sendo discutido, ou explicar algum material que foi disponibilizado. Nestas ocasiões, a mensagem escrita demandaria uma grande quantidade de texto, o que significaria bastante tempo escrevendo. Assim, a mensagem em áudio foi escolhida por possibilitar mais informações em um pequeno período, facilitando ao participante dizer o que pretendia.

Uma parte representativa das interações do grupo Musicalização Brasil durante o período de coleta dos dados arquivais correspondeu aos compartilhamentos de arquivos em diferentes formatos de mídias digitais. Neste material estão incluídos arquivos de áudio, vídeos, partituras, livros e outros documentos em formato PDF (*Portable Document Format*). Eles são anexados à conversa por um membro, e cada participante pode escolher carregar (baixar) ou não o arquivo no dispositivo de acesso ao WhatsApp. Este tipo de material foi importante para compreender o funcionamento da comunidade de prática e sua relação com o desenvolvimento profissional dos professores.

## Dados Extraídos

Os dados extraídos correspondem ao segundo tipo de coleta apontado por Kozinets (2014, p. 105). O autor lembra a importância de se estabelecer uma forma de participação dos membros do grupo especificamente relacionada à pesquisa, um espaço onde seja possível obter com mais detalhes impressões, informações e expectativas que podem contribuir para o entendimento da comunidade em estudo. Os dados extraídos utilizados nesta pesquisa tiveram origem em dois tipos de interação: (1) mensagens enviadas a algum professor do grupo realizadas de forma privada, via Whatsapp, com o objetivo de compreender determinados pontos do material arquivado e (2) a criação de um grupo focal online com membros do grupo Musicalização Brasil.

Nos grupos focais online, assim como nos grupos focais presenciais, são realizadas entrevistas em grupo com o objetivo de revelar pontos de consenso e dissenso sobre determinado assunto. O êxito deste tipo de coleta está diretamente relacionado ao perfil do grupo investigado e de suas formas de utilização e familiaridade com o aplicativo. (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009; BARBOSA; MILAN, 2019; COLOM, 2022).

Em comparação com os grupos focais tradicionais, a realização online permite a redução do tempo de coleta; redução de custos ligados ao transporte dos participantes; participação de pessoas de diferentes lugares; redução de atitudes preconceituosas relacionadas à imagem dos participantes; abordar temas polêmicos causando menos constrangimento; no caso de mensagens de texto, a ausência de transcrição, uma vez que o material já é escrito. Por outro lado, o pesquisador deve considerar a maior dificuldade de interpretação da fala devido à ausência de comunicação face-a-face. (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009) e as possíveis limitações do grupo no que tange ao acesso à internet e qualidade da conexão (COLOM, 2022). Outros desafios neste tipo de pesquisa são “o tempo e o volume de respostas dos membros do grupo, o que prejudica o fluxo da discussão e a participação mais equilibrada dos participantes” (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009, p. 17-18).

O papel do moderador (pesquisador) no grupo focal online é de extrema importância, procurando manter a atenção, o foco e estimulando os participantes a responderem de forma reflexiva e detalhada às questões. Quanto à participação do pesquisador no grupo, os autores

apresentam opiniões controversas. Para Abreu, Baldanza e Gondim (2009, p. 11), o pesquisador deve “evitar interferir nas participações no grupo” se pronunciando apenas quando necessário para reconduzir o tema ou instigar outras participações. De outro modo, Colom (2022, p. 459) sugere a participação constante do moderador, comentando e reagindo às mensagens, inclusive nos períodos de silêncio, onde os participantes não estão postando nada com a intenção de incentivar o engajamento e evitar a desmotivação.

Grupos focais pelo WhatsApp podem acontecer tanto de forma síncrona quanto assíncrona, transcendendo essa divisão e apresentando características próprias, principalmente no que diz respeito à mobilidade e à flexibilidade. Utilizando grupos focais nesse aplicativo, Colom (2022) observou que as mensagens de texto do grupo investigado apresentavam características diferentes de acordo com o tempo de resposta: mensagens síncronas (visualizadas e rapidamente respondidas) e assíncronas (mensagens respondidas depois de certo tempo da sua visualização). O primeiro grupo de mensagens apresentava ideias difusas em textos curtos, além de grande utilização de sinais não-verbais (emojis, repetição de letras para enfatizar certas partes da palavra). As mensagens assíncronas apresentaram tendência a sentenças mais longas. “A escolha de palavras e uso de orações subordinadas”, de acordo com Colom (2022, p. 460) indicaram uma “resposta mais reflexiva” em oposição à “resposta síncrona mais curta”.

Para a formação do grupo focal online, foram realizados dois convites no grupo Musicalização Brasil aos professores que, atuando na Educação Básica, desejassem contribuir com a pesquisa. Juntamente foi enviado um link para acesso a um grupo de WhatsApp, que chamamos Pesquisa Musicalização Brasil. Ao todo, 17 professores ingressaram no grupo. Entre o primeiro convite para o grupo e as primeiras questões discutidas sobre a pesquisa, esperamos um período de quatro meses. Neste período, o grupo ficou aberto à entrada de novos participantes bem como às interações que os membros quisessem fazer.

O tempo de espera entre a criação do grupo focal online e as primeiras interações foram importantes também para que pudéssemos adaptar o roteiro de perguntas de acordo com as características do grupo, e perceber o perfil de interação de cada participante. Dessas observações, constatamos que o grupo focal online constituía um público bastante eclético no que se refere ao tipo de engajamento no grupo Musicalização Brasil, com professores

muito ativos, mas também professores que costumavam somente visualizar as mensagens. Esses dois tipos de participação (ativa e passiva) foram observados também no grupo focal.

Para dirigir a conversa entre os participantes no grupo focal, foi elaborado um Guia de Discussão dividido em três seções. As primeiras interações tiveram como objetivo explicar sobre a participação no grupo e a importância do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi disponibilizado via link do Google Formulários. A segunda seção foi composta de questões no modelo enquete, recurso disponibilizado para grupos pelo aplicativo WhatsApp, onde procuramos conhecer a disponibilidade dos participantes para responder (períodos do dia e frequência com que costumam acessar as redes, se costumam se incomodar com mensagens enviadas em horário não-comercial, dificuldade de preenchimento de formulários, preferências por mensagens escritas ou de áudio). A terceira seção de perguntas se relacionou ao referencial teórico e à análise dos dados arquivais extraídos das interações no grupo Musicalização Brasil.

As perguntas foram lançadas periodicamente, respeitando um intervalo de aproximadamente uma semana para a resposta. Com a finalidade de destacar as perguntas das outras interações, utilizamos o texto em **negrito**, como sugere Colom (2019). A compreensão da rotina dos professores do grupo, principalmente no que se refere aos eventos do Calendário Escolar, foi considerada na periodicidade das postagens das perguntas no grupo focal. Evitamos postar novas perguntas em períodos de intensa atividade profissional do grupo, com a intenção de não os sobrecarregar e evitar que certas questões tivessem menor participação e interesse.

### Notas de campo

As notas de campo produzidas em uma pesquisa etnográfica online se diferem em alguns pontos daquelas produzidas nas pesquisas etnográficas tradicionais, uma vez que muitas informações das interações já são automaticamente transcritas pelo próprio dispositivo (data, hora, nome do participante). Contudo, as notas de campo são extremamente importantes no sentido de conterem reflexões do pesquisador sobre as interações e sobre as impressões pessoais dos contextos, pretextos, emoções e condições. De acordo com Kozinets (2014, p. 110), tais notas contribuem para “decifrar as razões por trás

das ações culturais”. O autor orienta os pesquisadores a registrarem notas observacionais às margens dos dados arquivados, desvelando “sutilezas percebidas no momento” (KOZINETS, 2014, p. 110) e que podem ser esquecidas com o tempo. Ele acrescenta ainda que é importante que nas notas de campo também sejam registrados os eventos e reflexões da vida off-line do pesquisador que têm ou tiveram relação com o contexto da pesquisa. Situações que evocam determinada experiência na comunidade ou que se originaram do contexto do estudo e se expandiram para outros contextos, neste caso, na própria prática pedagógica ou nas interações com outros professores fora do contexto da comunidade.

Utilizamos o WhatsApp também para a criação de dois Diários de Campo. Utilizando a mesma plataforma, que funcionou como um bloco de notas, foi possível registrar em forma de escrita e áudio as impressões pessoais sobre determinado assunto, além de incluir mídias e links.

O primeiro Diário de Campo, intitulado “Escrevendo uma tese”, serviu para registro de reflexões pessoais sobre o processo de análise de dados e redação da tese. Além de serem muito úteis para a organização mental do que seria redigido, eles captam algumas relações pessoais sobre os temas estudados e o material analisado relacionando-os com as experiências na pesquisa e como professora de música. Ideias que foram sendo retomadas durante a redação e revisão do trabalho, e que contribuíram na hora de buscar nuances e detalhes do contexto analisado.

O segundo Diário de Campo, chamado “Análise de Dados”, funcionou como um repositório dos *prints* de tela que foram editados para serem incorporados ao texto da tese, que eram anexados juntamente com a categoria a qual pertenciam. A criação deste grupo era também uma segurança de que os dados não seriam perdidos caso houvesse algum problema com o arquivo principal em que estava redigindo a tese.

## Considerações Finais

Realizar pesquisa etnográfica online utilizando comunidades virtuais como sujeitos de pesquisa e como meio de coleta de dados foi uma oportunidade para reforçar a experiência de “espontaneidade livre” da qual fala Santaella (2014) ao apresentar o conceito de aprendizagem ubíqua que é proporcionada pela mobilidade que a internet possibilita.

Trata-se de uma busca e de uma aquisição de informação a céu aberto e fora de quaisquer planejamentos e sistematizações, portanto, o que se tem aí é uma forma de aprendizagem imprevisível, dispersiva, fragmentária e mesmo caótica, nem sempre incorporada à memória. No entanto, inegavelmente aprendizagem, na medida em que o conhecimento que ela traz, antes inexistente, adquire agora a possibilidade, nem sempre efetivada -- isto também é inegável -- de ser incorporado ao repertório do aprendiz. E a única prova que se tem de que ele foi incorporado ou não é quando surgir a ocasião de colocá-lo em prática, único tipo de avaliação a que a aprendizagem ubíqua pode se submeter (SANTAELLA, 2014, p. 19).

Além de uma experiência singular de pesquisa, o próprio percurso metodológico tem reafirmado o potencial da aprendizagem em comunidades online. Reduzindo distâncias, dificuldades de deslocamento e outras limitações relacionadas ao tempo e ao espaço, pesquisas do tipo etnográfico online podem abrir possibilidades à compreensão das relações do ser humano com a música em perspectivas pouco exploradas, mas que se alinham às formas de viver e interagir no século XXI.

## Referências

ABREU, Nelsio; BALDANZA, Renata; GONDIM, Sônia. Os grupos focais on-line: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*. v. 6, n. 1, p. 05-24, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.4301/S1807-17752009000100001> Acesso em: 23 abr. 2023.

ALMEIDA FILHO, A. A comunicação na era da tecnologia digital: a escrita no ciberespaço. *Fólio - Revista de Letras*, [S. l.], v. 2, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3627>. Acesso em: 27 mar. 2023.

BARBOSA, Sérgio; MILAN, Stefania. Do Not Harm in Private Chat Apps: ethical issues for research on and with WhatsApp. *Westminster Papers in Communication and Culture*, v. 14, n. 1, p. 49–65, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.16997/wpcc.313>. Acesso em: 24 abr. 2023.

CAMPANELLA, Bruno. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. *MATRIZES*, v. 9, n. 2, p. 167-173, 2015.

CARMELINO, Ana Cristina; KOGAWA, Lídia. A intertextualidade como marca dos stickers do WhatsApp. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 14, n. 27, p. 156-176, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/28518>. Acesso em: 27 mar. 2023.

COLOM, Anna. Using WhatsApp for focus group discussions: ecological validity, inclusion and deliberation. *Qualitative Research*, v. 22, n. 3, p. 452-467, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1468794120986074>. Acesso em: 24 abr. 2023.

CRESWELL, John. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R; AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (Coord.). *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014.

SANTAELLA, Lucia. A aprendizagem ubíqua na educação aberta. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 7, n. 14, p. 15-22, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v0i0.3446>. Acesso em: 12 abr. 2023.

WENGER, Etienne. *Communities of Practice: learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

